

**Discurso proferido pelo Prof. Andrea Riccardi  
por ocasião da atribuição do Prémio Carlo Magno 2009  
Aachen - 21 de Maio de 2009**

Estou muito honrado em receber este prémio, que me insere – quinquagésimo - numa prestigiosa lista de premiados. Agradeço à Comissão Directiva do Prémio Carlo Magno pela honra dada à minha pessoa. Considero esta honra dirigida principalmente para a Comunidade de Sant’Egidio, na qual se confundem a minha vida e as minhas acções. Estou grato pelas palavras profundas e afectuosas do meu grande amigo Michel Camdessus. Agradeço Pat Cox pela sua generosa *laudatio*. É uma honra para mim receber um prémio europeu, que fala à Europa, numa cidade encruzilhada de encontros, símbolo de diálogo entre povos diferentes. Aqui, em 2003, Sant’Egidio com o Bispo de Aachen, D. Mussinghoff, a quem saúdo com afecto, celebrou um grande encontro entre as religiões, num espírito de paz.

Então eu vi esta cidade projectar-se como mensagem na Europa. É uma descoberta que ainda hoje se renova.

A escolha da Comissão do Prémio não caiu sobre um político, como geralmente acontece. Questiono-me, então, sobre as razões da escolha. Desde 1949, desde a fundação, o Prémio inspira-se a “liberdade, humanismo, paz”. Entre os premiados está Alcide De Gasperi, meu grande compatriota, fundador da democracia italiana, homem de fé e de grandes sonhos, no tempo obscuro do fascismo e da guerra. Quando se tornou líder da Itália renascida, ele não desistiu de sonhar. Acreditava que a liberdade e a paz só pudessem ser garantidas por uma Europa mais unida. Para ele e os outros fundadores, a Europa era considerada uma *ananke*, uma necessidade, um destino histórico.

Sim, destino histórico para aqueles que tinham experimentado o drama da guerra mundial. Mais uma vez, uma guerra europeia tinha incendiado o mundo. A Europa não podia mais destruir-se a si mesma e destruir o mundo. Desde o repúdio da guerra e de uma visão só nacional da política, nasceu o sonho da unidade. Era preciso fazer algo radicalmente novo! Perante a realidade inimaginável da Shoah, não bastavam as lógicas das políticas nacionais.

Então, sonhou-se com o início de uma grande história. Sim, a unidade como *ananke*, necessidade da história. Será que hoje, a Europa, mais rica do que no pós guerra, sente a mesma necessidade?

Existe hoje uma perigosa tendência para a fragmentação e o localismo. Há medo de Europa entre as pessoas que se sentem expropriadas por um mundo globalizado. Há receio de que a União queira impor os seus modelos de vida. Existe uma desafeição para com instituições que parecem distantes, apesar de estarmos nas vésperas de uma votação europeia. Europa, sim, mas como condomínio, sem a urgência da história.

Uma Europa não paixão e sonho, mas remoto pano de fundo para as políticas nacionais e locais.

Não se pode simplesmente condenar estas atitudes, que devem ser compreendidas: mulheres e homens desorientados num mundo globalizado, se refugiam na sua *heimat*.

Mas a nossa *heimat* não dura muito sem Europa. Não bastam os pequenos passos, sem o gosto da Europa nem capacidade de comunicar aos cidadãos do continente. Fica-se presos na crónica dos debates dos nossos países, gritados e rapidamente esquecidos. Tudo isso não é história, mas crónica. Será que a Europa ainda escreve a história, ou simplesmente se limita à crónica?

O grande historiador da Polónia, Geremek (lutador contra o comunismo de mãos nuas) dizia: "a história é uma mistura de ciência e poesia". O destino da Europa deve tornar-se o poema que inspira o futuro.

Isto é fazer a história. O realista De Gasperi era apaixonado sonhador europeu.

Não nos iludamos! Mesmo que não pareça, nós estamos perante uma escolha trágica, que irá decidir o destino da Europa para o século. Sem uma visão unitária e europeia, acontecerá aquela saída da história, da qual fala Bento XVI. Ficaremos prisioneiros da crónica, que irá preencher a imprensa e os pequenos ecrãs, mas não será história. A Europa sairá da história do mundo.

O impacto com a globalização, com a Índia, a China, com civilizações, economias e demografias em subida, não poderá ser enfrentado isoladamente por cada país. Se não estivermos juntos, os países europeus serão *quantité négligeable*. Assim, os nossos valores e identidades diluir-se-ão nas correntes da globalização. E será uma perda para o mundo e a civilização. Navegar desunidos na história mundial é uma ilusão. Se não existir uma verdadeira unidade europeia, nem sequer haverá países europeus no mundo. Ficarà a memória de antigas potências, de páginas gloriosas ou infames. Mas passadas. Perder-se-ão os valores europeus da liberdade, da paz e do humanismo, se não existir a Europa.

Esta visão pode parecer catastrófica ou demasiado projectada para o futuro. Mas não somos porventura demasiado acostumados a viver sem visões? Escrevia num poema João Paulo II: "todavia eu acredito que o homem sofre principalmente devido à falta de visão". Ela concluía: "Se ele sofre por falta de visão, ele deve, então, abrir-se o caminho entre os sinais...".

O Prémio que me foi concedido é um sinal que me ultrapassa. Talvez eu compreenda melhor a razão por que me foi atribuído. Não sou político ou homem das instituições. A minha vida está ligada à Comunidade de Sant'Egidio, nascida em Roma em 1968, espalhada na Europa Oriental e Ocidental, em muitos países africanos, asiáticos, da América do Norte e do Sul. É realidade de homens e mulheres, crentes, amigos dos mais pobres, actores de diálogo entre as religiões, mas também entre crentes e laicos. Acima de tudo é uma realidade das ruas, das cidades, dos subúrbios das cidades europeias: de Roma a Aachen, Berlim, Paris, Bruxelas, Kiev, Nápoles, para citar algumas. Realidade europeia, Sant'Egidio, sente a paixão de viver e trabalhar fora da Europa. O Prémio é um sinal para mim, um apelo aos europeus, aos cristãos. A política sozinha não consegue.

Falando do cristianismo, estamos bem longe do *confessionalizar* o continente. Um grande premiado foi Frère Roger Schutz, reformado e suíço, no coração da guerra, começou em Taizé uma vida monástica ecuménica, realizando um santuário de paz e de fé, encruzilhada para os jovens europeus. Quando idoso, foi morto em 2005, enquanto estava orando na igreja no meio dos jovens. A sua morte fala de uma vida indefesa, oferecida aos jovens europeus e do mundo sobre a colina de Taizé. O cristianismo deste homem e de muitos outros inquieta uma consciência europeia cansada ou míope.

A fé cristã -é o que vivemos em Sant'Egidio - apela a não viver para si. O Apóstolo Paulo escreve: "Ele morreu por todos, a fim de que, os que vivem, não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Cor. 5,15).

O forte apelo ao Evangelho de Jesus, que Paulo trouxe para Europa, da Grécia para Roma, inquieta a cultura do viver para si. A Europa não pode viver para si mesma. A perspectiva não pode ser apenas a expansão económica da região ou dos seus países. Viver para si torna-se uma lógica unicamente mercantil. O materialismo prático, após o marxista, domina grande parte do costume europeu: o *mercantilismo* devora os espaços do gratuito na vida social. De facto, assistimos à crise da comunidade, da família, local. Até procurar o próprio interesse necessita de espírito, generosidade, visão.

No século XX, os países europeus, doentes de nacionalismo, foram à guerra uns contra os outros. Quanta dor e quantas vidas perdidas! É o maior roubo da história – dizia Settimia Spizzichino, judia romana deportada à Alemanha. Hoje, estamos numa outra época: a cultura do viver para si mesmo conduz ao egoísmo nacional, local, regional, à ausência de visões. Mas, vivendo para si próprio, um homem e uma mulher morrem; apaga-se um país, uma comunidade, uma nação.

Sim, a Europa corre o risco de sair da história para cair na crónica. Os europeus, depois de terem sido conquistadores do mundo, recuaram dele, quase assustados. Já não queremos contar. Talvez para não cometer erros. É o *politically correct* de hoje. Mas a questão não é repetir os erros do passado.

É necessário pensar, no âmbito da unidade europeia, uma nova forma de estar na história do mundo. "Se sofre por falta de visão deve, então, abrir-se o caminho entre os sinais...". escrevia João Paulo II. Porventura não é um sinal o pedido de Europa que provém de muitas partes do mundo?

Em África, na América Latina, durante as minhas viagens, eu sinto um grande interesse para com a Europa e as escolhas dos europeus. O mundo precisa da Europa, do seu humanismo, da sua força razoável, da sua capacidade de mediação e de diálogo, dos seus recursos, da sua capacidade de empresa económica, da sua cultura. Schuman, pai fundador da Europa, escrevia: "A Europa unida prefigura a solidariedade universal do futuro". A Europa foi a fonte de duas guerras mundiais e da Shoah. Será que não pode ser um paradigma da paz e da solidariedade universal? Não poderá dar à história uma contribuição decisiva de paz e de humanismo do mundo, em vez de cair na crónica? Sim, a Europa tem uma missão. Penso na África, onde vive, luta e espera pelo menos a metade da Comunidade de Sant'Egidio, que é africana. O Presidente italiano, Carlo Ciampi, Prémio Carlo Magno, afirmou: "Temos diante de nós uma tarefa histórica: coligar forte e estavelmente o futuro da África à Europa". Uma história dolorosa e rica liga Europa e África.

Mas muitos países europeus estão-se a retirar da África, que continua a ser a terra dos imigrantes para a Europa. A colaboração para o desenvolvimento da África, a luta contra a doença (penso no tratamento do SIDA), e contra a guerra, são tarefas da Europa. São a verdadeira resposta ao fluxo imparável da migração, que não será interrompido nas fronteiras ou pelos controlos no Mediterrâneo. O renascimento económico e de esperança na África é o que o pode parar!

Eu acredito muito no sonho do Presidente do Senegal Senghor, homem de cultura europeia e africana: Euráfrica, dois continentes unidos numa dimensão de igualdade, um que precisa do outro. A primeira missão da Europa chama-se África. Ali é que encontra sentido o ser unidos.

A Europa no mundo é um sinal de paz. É um continente em paz desde sessenta anos. A Europa uma é múltipla: diferentes línguas, tradições, culturas, religiões, cheiros e sabores. A Europa, nas suas diversidades, se unida, realiza a civilização da convivência. É a civilização que falta ao mundo da globalização homogeneizante que tudo nivela, que reage com os choques de civilizações e de religião; é a civilização que falta a uma economia desumana e sem humanismo. A civilização da convivência é a nossa resposta ao terrorismo e ao fundamentalismo.

A Europa, diferente, unida, encarna a civilização da convivência: seus componentes são o diálogo, o respeito por toda a liberdade, a arte de viver juntos. "Todos parentes, todos diferentes" é o nosso sonho. Exprimo-o com as palavras de Germaine Tillon, que conheceu o campo de concentração de Ravensbrück.

Talvez hoje precisemos de mais Europa do que ontem. Caso contrário, a globalização nos tornará irrelevantes e, pior ainda, fará o mesmo com os nossos valores. Precisamos de ter uma Europa unida, com a sua missão, para sermos europeus, para nos não diluir, de forma a existir num mundo grande e terrível, como dizia Antonio Gramsci, um italiano, comunista, traído por Estaline. Mais Europa unida tornará o grande mundo muito menos terrível. A Europa deve ser uma paixão nossa, e não algo distante e nebuloso. Uma paixão, porque é uma necessidade: *ananke*. Como é míope - mas não é muitas vezes míope a política dos nossos países? – como é míope a obra daqueles que olham para o futuro dos nossos países com o olhar prisioneiro da crónica. O sonho e a visão são mais realistas do que a miopia, vendida como realismo. João Paulo II, talvez o último grande líder europeu, em 1978 lançou o sonho de uma Europa unida do Atlântico aos Urais. Parecia uma utopia. A Alemanha unificada parecia uma utopia até 1989. Mas a história está cheia de surpresas e é movida, mais do que sabemos, pelas profundas correntes das paixões generosas e do espírito. A Europa não é um sonho distante. Caros amigos, nós somos europeus, mais do que estamos cientes. Os cidadãos dos nossos países são mais europeus do que eles próprios sabem. As instituições europeias contam muito nos diferentes países. O tecido humano e cultural em que vivemos é europeu. Existe um contínuo transvase. Os jovens se movem à forma europeia. Toda a empresa de valor no continente, se confronta com a cena europeia. Temos que - num certo sentido - assaltar o palácio do poder, o da Europa. Não com a violência, mas sim com a paixão europeia e as ideias. Para ajudar os governantes a olhar para além e a sonhar com uma Europa dos povos e para que os europeus sejam povo. Há pressa. A aceleração virá também da vontade dos cidadãos, que devem manter alta a visão europeia. As visões são ícones de esperança. Ajudam a ver a esperança,

despertam a paixão do futuro. Muito podemos nós, europeus da rua. Como dizia o grande Hillel, mestre judeu do tempo de Jesus: "quando faltam os homens, esforça-te tu de ser o homem!".